

Entrevista Dossiê de Psicodrama

Entrevistado – Prof. Lucio Guilherme Ferracini: Psicólogo, Psicoterapeuta, Psicodramatista Didata Supervisor. Mestre em Ensino em Ciências da Saúde. Diretor de eventos científicos da Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama.

Entrevista concedida ao Prof^ª. Dr^ª Lucimar Magalhães de Albuquerque: Psicóloga. Professora da PUC Minas. Especialista em Psicologia Educacional e tem Formação em Psicodrama Aplicado.

Prof^ª. Lucimar Magalhães: Este evento abrange instituições de diferentes países, especialmente da América Latina. Pode nos contar como o psicodrama se desenvolveu e organizou seu conhecimento na América Latina? Comente sobre seus marcos históricos e protagonistas.

Prof. Lúcio Ferracini: Como brasileiro e latino-americano, relato que o psicodrama no País começa com o sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, em 1949. Posteriormente, entre os anos 50 e 60, tivemos outras iniciativas importantes. Entre as pessoas de destaque estão psicólogos como Iris de Azevedo, Pierre Weil, Madre Cristina; psiquiatras como Alfredo Soeiro, Antonio Cesarino, José D’Alessandro e a pedagoga argentina Maria Alicia Romaña. Ainda na década de 60, surgem cursos de formação com o médico colombiano, radicado na Argentina, Jaime Rojas-Bermúdez. Em 1970, em plena ditadura, o Brasil resolve ter um psicodrama que falasse português (ou brasileiro), formando suas duas primeiras escolas: a Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama, e a Sociedade de Psicodrama de São Paulo. Com o tempo, o psicodrama cresceu, e muitas outras escolas foram criadas. Em 1976, é fundada a Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP), que atualmente reúne mais de vinte escolas distribuídas pelo País. A FEBRAP busca divulgar o psicodrama, realizar um congresso a cada dois anos, como o que foi recentemente realizado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, manter uma revista brasileira de psicodrama e estabelecer princípios normativos para a formação dos psicodramatistas.

Nos anos 1990, surge a iniciativa dos encontros bienais de psicodrama, chamados de Congresso Ibero-americano de Psicodrama, com participação ativa do Brasil. O psicólogo Moyses Aguiar e o médico Sergio Perazzo foram pioneiros nesse projeto. O Fórum Ibero-americano conta com a presença de onze países membros da América Latina, além dos países ibéricos. O último congresso realizado foi o 14º Congresso Ibero-americano de Psicodrama, em Florianópolis, em setembro de 2023, o qual tive a honra de presidir.

Jacob Levy Moreno (1889-1974) foi o criador do Psicodrama, suas raízes remontam à Filosofia, Sociologia, Psicologia e ao Teatro. Fundamentou a teoria Psicodrama a partir da relação

dialógica do vínculo, dinâmica do encontro, espontaneidade e ação criativa. Moreno considera a criação da IAGP a coroação de seus trabalhos, destacando a importância do grupo, incluindo todas as abordagens teóricas. A FEBRAP organizou o 1º Regional Latino-americano no Brasil em 2010 e o 2º neste ano de 2024, contando com profissionais de 27 países de diferentes partes do mundo, garantindo os objetivos de promover a troca de conhecimento e experiências.

Profª. Lucimar Magalhães: Em poucas palavras, é possível descrever o que um psicodramatista faz? Onde são oferecidas formações no Brasil?

Prof. Lúcio Ferracini: Um psicodramatista, como eu, com base em uma graduação nas áreas da saúde e/ou educação, busca auxiliar pessoas, seja em grupo ou individualmente, no desenvolvimento ou resgate de sua capacidade espontâneo-criativa, frente aos desafios que enfrenta, seja em ordem psíquico-emocional, em ambientes educacionais ou corporativos, proporcionando relações mais saudáveis.

A formação acontece em uma das escolas federadas à FEBRAP, distribuídas pelo território nacional. Os psicodramatistas, conforme sua graduação, podem ser titulados com foco psicoterápico e/ou socioeducacional, assim como nos diferentes níveis, com os títulos de psicodramatistas, didatas e supervisores. Indico o site da Federação para maiores informações: www.febrap.org.br.

Profª. Lucimar Magalhães: Que inserção social o psicodrama alcança hoje? Onde ele está presente? Está presente nas universidades?

Prof. Lúcio Ferracini: Sou professor universitário e psicoterapeuta, e estive por mais de vinte anos no ambiente hospitalar, sempre atuando com o psicodrama como teoria e método, e não apenas como técnica ou "ferramenta". Assim, trago três cenários de aplicabilidade e presença. O psicodrama está presente na clínica, para atendimentos de pacientes/clientes, tanto em grupo quanto individualmente; na formação acadêmica de psicólogos e outras áreas; no desenvolvimento de equipes de trabalho e em todo tipo de atendimento à população.

Profª. Lucimar Magalhães: Que conexões edificou com os espaços/pessoas?

Prof. Lúcio Ferracini: Sua proposta está em constante ação-reflexão-ação no reconhecimento dos espaços, sobretudo públicos, como *locus* de pertencimento e cidadania, em diálogo constante com pautas étnico-raciais, diversidade de gênero e anticapacitismo. A força da pessoa está no grupo, no qual estabelece relações de mutualidade positivas, mantendo-se aberto à autorreflexão contínua.

Prof^a. Lucimar Magalhães: Quem são as pessoas que ele atende? Quem procura os coletivos que abrigam e recebem esse trabalho?

Prof. Lúcio Ferracini: Todas as pessoas que se inquietam com seu modo de existir em relação ao outro e ao mundo, e que buscam uma nova resposta de forma espontânea e criativa, não automatizada, nem baseada em normas preestabelecidas. O paciente com dramas emocionais, o estudante com dificuldades no mercado de trabalho voraz, o homem que reconhece que as formas de relações verticalizadas são injustas, a mulher que percebe que ser chamada de “recatada e do lar” não é um elogio, mas uma forma de opressão. A pessoa indígena, negra, trans que sofre diante da negação de seu direito de viver sua identidade.

Prof^a. Lucimar Magalhães: Que perguntas tem escutado em seus espaços de atuação e que retornos o psicodrama tem dado à sociedade brasileira?

Prof. Lúcio Ferracini: As perguntas estão relacionadas ao fato de que um único caminho de existir, imposto por poucos, não responde à demanda de muitos, gerando sofrimento e dor. O retorno do psicodrama é convidar as pessoas a ocuparem o cenário de sua vida pessoal e social com ação, presença e mutualidade, construindo relações (amorosas, acadêmicas, profissionais) verdadeiramente respeitadas consigo mesmas, com o outro e com o mundo, que, neste momento, agoniza climaticamente, pedindo socorro.